

4.8.1
12.035

3

O DALTONISMO DA NEUTRALIDADE

CARTA ABERTA
AO
DOUTOR GEORGE BRANDES

POR
WILLIAM ARCHER

LONDRES :
EYRE AND SPOTTISWOODE, LIMITED.

1916.

H.S.
12035

OFERTA
3

O DALTONISMO DA NEUTRALIDADE

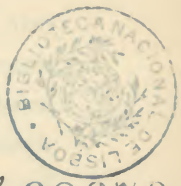
CARTA ABERTA

AO

DOUTOR GEORGE BRANDES

POR

WILLIAM ARCHER



B. 68670

LONDRES :
EYRE AND SPOTTISWOODE, LIMITED.

1916.

O DALTONISMO DA NEUTRALIDADE.

MEU CARO DR. BRANDES,

Publicaste o teu *Apelo* ás potencias beligerantes, aconselhando-as para que tivessem juizo e arranjassem termos da paz. No seu abstracto, tal apelo bem merece a sympathia de todos os homens sensatos e humanitarios. O incrível, tragico disparate dessa guerra é tão manifesto, pelo menos entre nós cá na Inglaterra beligerante, como o é lá na Dinamarca neutra. Comtudo, esse apelo está bem longe de agradar os teus admiradores e amigos—seja-me permitido ser considerado como um delles—pois efectivamente desvia-se do fim benefico que tens á vista. Permittas, pois, que te diga porque, a meu ver, o teu apelo se destina ás orelhas moucas?

Por certo não porque na Inglaterra, ou em qualquer paiz aliado, estejamos indispuestos a ouvir-te. A qual outro parecer haviamos de escutar com mais prazer? Inquestionavelmente es tu o primeiro critico

contemporaneo, senão a intelligencia mais proeminente do mundo neutro, ao menos cá na nossa banda do Atlantico. A delicadeza da tua sensibilidade estetica não é menos notavel que o alcance da tua penetração e coordenação intellectual. Além de literato, es homem pratico. Luctaste splendidamente pela liberdade do pensamento, e em termos inequivocos exprimiste a tua abominação pela tirania politica. Quem poderia encorajar-nos melhor com a sua aprovação? Á critica ponderada e abalisada de quem mais escutaríamos com maior acatamento?

Mas de facto negaste-nos ambas dessas vantajens. Levaste a arte da neutralidade ao seu extremo. Permaneces indifferente entre a verdade e a falsidade, entre a humanidade e a deshumanidade, entre o bem e o mal. Sinto-me até disposto para te citar essas palavras, de quem não é neutro nessa lucta pela liberdade,

*Kennst du die Hölle des Dante nicht,
Die schrecklichen Terzetten ?*

e em seguida referir-te ao que se diz dos neutros no terceiro canto do *Inferno* de Dante :

Quel cattivo coro

*Degli angeli, che non furon ribelli,
Né fur fedeli a Dio, ma per sé foro.*

É possível que não vejas como essa guerra, por tresloucada e monstruosa que seja, é guerra em que tudo se concentra sobre a questão de direito e de injustiça? Questão essa que não se evade com o encolher dos hombros e o veredicto de “malandros todos!”

O teu Apelo principia assim: “Declara cada qual das Grandes Potencias que está travando guerra defensiva. Todas ellas teem sido agredidas; todas ellas luctam pela sua existencia. Para todas, a chacina e as falsidades são indispensaveis para a defesa propria. Nenhuma dessas potencias deseja a guerra, segundo declaram; portanto, que façam as pazes, em nome de Deus!”

Suponhamos, meu caro professor, que em vez de seres tu literato, foste um juiz e tiveste que julgar dois reus, ambos a pro-

testar que tentou o outro matal-o, e estando um delles efectivamente na posse do relógio e da bolsa do outro. Julgarias que já cumpriste o teu dever dizendo: "Sem duvida, ambos são mentirosos ou allucinados; que garantam a paz, e que se devolva o relógio ao seu dono, retendo-se a bolsa?" Não terias em conta que um dos reus bem poderia estar dizendo a verdade? Não chamarias testemunhas, nem te cuidarias dos seus depoimentos? Não terias razão para concluir que o verdadeiro agressor era aquelle que se achava de facto armado até aos dentes, e de facto tomou o outro desprevenido. E ainda poderias ter mais duvida se no bolso do proprio agressor deparaste com uma massa de papeis sobre a santidade do salteador e pregando a doutrina de roubar á mão armada como o supremo dever humano?

Neutro ultra-neutral.

"O que é a verdade?" indagava Pilato, com ares de troça, e gesto de neutralidade ironica.

Porém, no presente caso ha positivamente a verdade bem como a falsidade. E da situação actual, da guerra toda, surge a pergunta : “ Quem é o mentiroso ? ” Se é a Alemanha que diz verdades—se fosse ella victima de aggressões sem provocação—então nós, levando avante esta guerra, estaríamos accumulando crimes sobre crimes. Mesmo assim a Alemanha não poderia justificar-se por completo. Não se justifica a invasão da Belgica, não se apagam nas mãos germanicas as manchas de sangue daquelle desditoso povo. E varios outros procedimentos alemães assumiriam aspectos bem diferentes. O que é perdoavel ao agredido que briga pela sua propria vida, é imperdoavel no caso do agressor. As atrocidades submarinas, a indiscriminada chacina de não-combatentes, o gas asfixiante, o fogo liquido, tudo isso não é tido por expedientes legitimos ou cavalheirosos de guerra. Ha todavia circumstancias atenuantes quando o agredido lança mão de qualquer expediente para se defender dos seus assassinos. Mesmo assim, não lhe cabe o direito de espancar

qualquer viandante inocente do caso, muito menos aquelle que deve ser protegido por elle.

Suponhamos que não é o agredido mas o proprio agressor que se aproveita dos expedientes illegitimos, recorrendo-se aos mais infames e satanicos meios imaginaveis, para levar avante o atentado mortal por elle mesmo concebido, tramado e perpetrado. Que faremos com semelhante agressor? Será para o bem da humanidade soltal-o impune, e deixal-o basofiar do seu successo, se bem que isso não seja exactamente segundo o seu plano de *frischer, fröhlicher Krieg*? E fará bem aquelle que estiver neutro não só em seu gesto mas até em seu sentimento, aquelle que insistir que o bandido seja solto com o seu roubo?

Luctaremos, meu caro professor, apesar da tua desaprovação, porque a nosso ver o peor que poderia advir á humanidade seria pelo triunfo da colossal Mentira e dos abominaveis expedientes mortiferos que a auxiliam. Constituido como é o mundo, não se despe o successo da sua fascinação e

do seu prestigio. Porisso cremos que se o procedimento d'Alemanha durante a guerra tivesse mesmo o simulacro de successo, não valeria a pena viver cá na Europa doravante. Para nos livrar de semelhante calamidade, não ha sacrificio de sangue ou de tesouro que nos pareça exorbitante. Repito que a insensatez da guerra é pelo menos tão obvia a nós como a ti—a nós, que não estamos apenas teorizando no campo livre da neutralidade, mas trespasados da agonia, dos horrores e das tresloucadas devastações que nos proveem de tudo isso. Porém, a obsessão está do lado agressivo, não do defensor. E a não ser que queiras preconisar-nos a doutrina de Tolstoy acerca de não-resistencia, terás que diferenciar bem o tresloucado agressor do simples defensor. A nosso ver, mesmo antes de julho de 1914 a Alemanha tem sido arrebatada pela allucinação criminosa; e por conseguinte cumpre-nos convencel-a disso pelo unico metodo que lhe pareça admissivel ou comprehensivel.

O ponto crucial : Quem tramou a guerra ?

Talvez me digas que não deixaste de considerar as provas da responsabilidade, e após muita ponderação chegaste á conclusão de que ambos os lados estão igualmente culpados. Tal é a inferencia que faço do teu Apelo, particularmente do seguinte trecho :

“ Qual será o veredicto da posteridade? Que nem houve sequer um unico estadista em nossos dias e na Europa inteira. Se houvesse um grande estadista em cada lado, evitar-se-hia a guerra. Se surgisse um grande estadista entre ambos os beligerantes, a guerra nem duraria um anno.”

Se estiveres disposto, vamos tratar dessa teoria tua da equivalencia de imbecilidade internacional—pois o que dizes monta a nada menos do que isso.

Aproximas-te perigosamente da verdade, desculpes-me a expressão, quando dizes que bastaria um grande estadista para que não houvesse a guerra. Claro está que jamais um

grande estadista prussiano permitiria que o devaneio de poder e a sede de triunfo servissem de obsessão a si mesmo ou ao seu paiz. Um grande estadista prussiano teria tido em devida conta a filosofia que preconisa a guerra, a guerra germanica, como a mais nobre e benefica empresa humana. Um grande estadista prussiano deixaria de se extraviar, em camisa de onze varas, á cata de inimigos criados por todos os lados, para depois se queixar que estava rodeado de inimigos. Um grande estadista prussiano saberia aproveitar-se da amizade que por vezes a Inglaterra ofertava ao seu paiz, e teria comprehendido que nem a Inglaterra nem o mundo todo podia deixar de nutrir apreensões ao passo que a maior potencia militar visava ser tambem a maior potencia naval. Emfim, um grande estadista prussiano perceberia que o dilema de *Weltmacht oder Niedergang* era uma illusão diabolica, sem a qual conservar-se-hiam a grandeza e a prosperidade da Alemanha contente e sensata. Mas em vez dum grande estadista, tem havido

na Prussia—ora, bem sabes quem, e todo o mundo o conhece. Tenho a certeza de que não diferimos nesse ponto, e porisso não preciso dilatar a discussão nesse sentido.

Porém, visto que as más fadas puzeram os destinos d'Alemanha nas mãos do Senhor da Guerra e dos seus satrapas burocraticos, imaginas tu que, por outro lado, qualquer grande estadista poderia ter efectivamente sustado a catastrophe? *Mit der Dummheit kämpfen Götter selbst vergebens.* Talvez seja verdade que aos Alliados carece o estadista de genio transcendental, ainda que é muito cedo para tratarmos desse ponto positivamente.. Temos finos estadistas a valer; porém acredito que nos falta um Cavour, um Bismarck, ou um Lincoln. Mas o que poderia ter feito mesmo o melhor dos estadistas? Sabemos que nas lendas indianas havia um santo buddista que podia “argumentar com tigres e convencel-os.” Mas poderia esse mesmo buddista persuadir a maquina de guerra germanica, levada a um terrifico grau de eficiencia e palpitando para funcionar?

O vibrante espirito e os armamentos germanicos, impelidos pela fanfarronada dos Hohenzollerns e as suas tradições sanguinarias, constituiam um perigo á civilisação que só por milagre se podia evitar. E porque os nossos estadistas não podem fazer milagres, devem elles ser menospresados, e mesmo tidos por cúmplices dos agressores nesta guerra ?

Bem sei que basta a historia de cincoenta ou cem annos para nos mostrar como, a todas as nações, faltou a previdencia aqui, a magnanimidade acolá, contribuindo tudo para a calamidade actual. Estou certo, porém, que concordarás comigo que tal discussão é ociosa, pois meramente prova o que está bem provado : que á Europa em geral faltou juizo a ponto de não se poder descartar as paixões, a avidez e os preconceitos que constituem os principaes ingredientes para a peçonha infernal da guerra. A responsabilidade historica pela calamidade será toda desvendada talvez no dia de juizo final, não antes. A responsabilidade que podemos dis-

cutir logicamente—a responsabilidade que nos concerne—recae sobre a geração presente. É escusado vasculhar até 1864 ou 1870, pois o que nos compete determinar não é o que Napoleão III, Palmerston, Bismarck, Disraeli, Beust e Gortschakoff contribuíram para esta guerra em lhe prepararem o terreno. Temos que ver quaes são os homens dos nossos dias, muitos delles ainda viventes, que urdiram as tramas, que levaram a Europa para a beira do precipicio, e por fim arremes-saram-na ao abismo.

Assevero que toda essa responsabilidade recae sobre a Alemanha e Austria, e que isso seria contestavel, não pelos neutros imparciaes, mas só pelos que fechassem os olhos a uma longa serie de factos incontroversos.

Os factos durante quatorze annos.

É sómente pelo amor á brevidade que vou concentrar a atenção sobre o caso anglo-alemão unicamente, pois a raiva germanica á Inglaterra, como se vê pelo delirio de *Gott*

strafe England, serve bem para comprovar os factos.

Em primeiro lugar, podes negar que foi a Alemanha o unico paiz no mundo que deliberadamente se dedicou ao culto belico? O brilhante e bem lucrativo exito das suas armas desde 1864 até 1871 encheu-lhe o coração de jubilo e vaidade. As praças publicas estavam repletas de estatuas dos fanfarrões militares, emquanto que nas esferas da actividade nacional sobrepujavam outros fanfarrões em carne e osso. Gastavam-se fabulosas somas em preparativos belicos, e para aperfeiçoar o mecanismo da destruição empregava-se a mór parte dos talentos tecnicos e industriaes. A geração de 1870 transmitiu aos seus descendentes o sentimento que lhe vibrava na alma: que na vida não cabia nada, tão esplendido como uma cambada de triunfos rapidos e esmagadores. Doutrinavam os filosofos em prol do militarismo; a pena e tinta dos historiadores só serviam para denegrir a paz e suscitar desdem ao amor da paz. Efectivamente a Alemanha

vivia sob o jugo autocratico dum soberano que não se contentava com a chefia nominal das legiões, mas gloriava-se em ser tido por guerreiro autentico, sempre retinindo a sua espada, no sentido literal bem como metaforico. E sendo tu psicologista perito, ainda duvidas que o fantastico e teatral Senhor Guerreiro se arrebatasse com o que extasiava o esperançoso principe imperial como “aquella coisa autentica”?

Que desde já te convenças, pois, quanto á nação que, dado o momento psicologico, arrojaria a espada na balança de paz e guerra. Talvez me respondas que em outros paizes tambem havia maniacos de guerra. Sim, havia, mas eram contados, e quasi ignorados, ao passo que a Russia e a França se destacavam como paizes de maniacos de paz, e não de guerra. Verdade é que havia fanfarrões na Inglaterra; porém valeria bem pouco a sua bravata se não houvesse o perigo germanico que a fomentava e vigorava. Os que entre nos simpatisavam menos com esses fanfarrões hoje se convencem de que esses

partidarios da guerra previam as coisas muito bem. Certo estou que não pretendes sofismar a ponto de me dizer que havia outro paiz tão organicamente predisposto á guerra como a Alemanha. Sem duvida havia muitos alemães—talvez a maioria delles—que teriam preferido a paz. Porém esses não tinham a minima influencia sobre os que manipulavam o mecanismo de guerra.

Vejam agora como iam as relações anglo-germanicas durante a reacção. E antes de mais, deixes-me dizer-te que os dados são colhidos, não de fonte ingleza ou pro-aliada, mas da obra de Conde Ernst zu Reventlow : “Deutschlands answärtige Politik.”

Até o fim do seculo passado, iam bem as relações entre os dois paizes. Estavamos nada dispostos a considerarmos a Alemanha como a nossa futura inimiga, tanto assim que lhe cedemos a ilha de Heligoland por quasi nada. Ha uns vinte annos, porém, surgiu a Anglofobia na Alemanha, sem que nem para que. Provinha isso talvez do facto de que na expansão do seu comercio os alemães

se achavam de encontro por todos os lados com os inglezes, cujos dominios eram bem apetecidos pelas ambições germanicas. Sem duvida, isso não convinha ; mas não te iludas com os alemães em supôr que estava nas mãos da Inglaterra remediar tal inconveniencia. Ceder os seus dominios autonomos era para a Inglaterra não menos absurdo do que ceder o Brazil, Chile, ou o que mais que não lhe pertencia. Não possuia ella algo de valor que pudesse ceder á Alemanha ; porém de modo nenhum obstava ella que a Alemanha adquirisse um grande e rico imperio colonial. Nem se podia alegar que os alemães se achassem hostilizados, quer na Inglaterra, quer nos dominios ultramarinos. Os portos inglezes estavam abertos de par em par ao commercio alemão. Em parte nenhuma os inglezes não punham restricções á “penetração pacifica” tão justamente apreciada e assiduamente praticada pela Alemanha. É verdade que na Inglaterra promulgou-se a lei para obstar que os productos alemães se vendessem como os productos inglezes ;

mas segundo basofiavam os alemães, a lei, longe de os afectar, operava em seu favor. Sob ponto nenhum se podia dizer que a Inglaterra visava prejudicar a Alemanha seriamente, e muito menos propositadamente. E comtudo o povo alemão mostrava-se cada dia mais e mais hostil aos inglezes.

Em seguida deu-se a guerra dos boers, e com isso o anglofobismo alemão atingiu quasi o furor actual. Talvez estejas disposto a qualificar isso de sentimento justificavel, e mesmo generoso ; e se assim fôr, não contestarei o ponto. Não me digas, porém, que a attitude ingleza na Africa do Sul positivamente prejudicou qualquer interesse alemão ou impediu qualquer ambição confessavel da Alemanha. Declarou o Kaiser depois que o bom exito da campanha ingleza era devido ao plano estrategico por elle mesmo traçado ; e fosse qual fosse o merito desse plano ou o uso que se fez delle, temos de attribuir ao seu delineador a boa vontade que elle não nos teria mostrado se o seu paiz tivesse qualquer justo motivo para se queixar de nós.

Todavia o certo é que na Alemanha ia intensificando o anglofobismo—e era precisamente nessa epoca que ahi se iniciou o projecto naval que ás claras visava contestar o sceptro dos mares, do qual depende a propria vida do povo insular britanico. A nação alemã em peso se dedicou fanaticamente ao projecto ; e de iniciativa particular ou semi-particular, o *Flottenverein* se tornou em pujantissimo auxiliar do governo.

Ora, meu caro professor, que desejas tu que a Inglaterra fizesse ? Se foste do pensar de Tolstoy, dirias que era caso de destruir a armada ingleza e dizer á Alemanha : “Desafio-vos para acometer o visinho incapaz de vos resistir !” Mas não te julgo de semelhante parecer. Reconheces que á Grã Bretanha cabia o direito, e mesmo o dever, de providenciar meios de segurança para si mesma, sem dizer nada da protecção devida ás pequenas nações que contavam com ella. Provavelmente me digas : “Pois ella bem poderia enfrentar o perigo germanico mantendo a supremacia naval que já possuia.”

Mas obviamente essa emulação progressiva era ruínosa de mais para que continuasse assim, *ad infinitum*. Além disso, as outras potencias tambem construíam novas armadas, e a toda a hora era possível que a Alemanha efetuasse uma combinação contra nós, e, dado um grande combate naval, significaria isso nada menos do que atravessar as paginas da nossa historia com o *Finis Britanniaë*. Não era de esperar, pois, que pela *entente* com a França procurasse a Inglaterra contrabalançar a manifesta hostilidade germanica? Alguns annos antes, a Inglaterra e a França iam por pouco brigar sobre a questão de Fachoda; porém conseguiram ellas estabelecer a *entente cordiale*, solucionando sem difficuldade as pequenas differenças que havia entre ellas em diversas partes do mundo. O accordo com a França por sua vez resultou em outra *entente cordiale* com a Russia, a aliada da França; e essa simples substituição de ciúmes e malquerenças irrationaes pela amizade racional é o que a Alemanha qualifica de *Einkreisungspolitik*! O que podia

haver de mais legitimo? Não pretendia a Inglaterra agredir a Alemanha; nem lhe cumpria permanecer em desacordo com a França e a Russia só para comprazer a Alemanha. Se Bismarck ainda estivesse em poder, jamais teria elle cometido o erro, sob o ponto de vista germanico, de arremessar a Inglaterra aos braços da França e da Russia. Mas porventura seria a culpa da Inglaterra se, como bem dizes, não havia bom estadista lá na Alemanha?

Está bem longe do meu proposito negar que, mesmo pondo de parte todas as ponderações politicas, a nova amizade com a França tem sido a fonte de suprema gratificação a todos os inglezes sensatos. Amante como és daquelle nobre povo, serias tu o primeiro a nos menospresar se o caso não fosse assim. Comtudo fizemos tudo possivel para conciliar a Alemanha, e para chegarmos a um acordo afim de acabar com a suicida competição em armamentos navaes. Ás nossas propostas todas, porém, a Alemanha só voltou a orelha mouca. Longe de normalisar, ella

acelerou as suas construcções navaes, dando claramente de entender que não se contentava com nada menos do que o pleno poder para desafiar a Inglaterra nos mares. Em outras palavras, queria ella estar á altura de poder, se nos vencesse, reduzir-nos á fome em tres ou quatro mezes, sem se incomodar com a invasão do nosso paiz. Leias o livro do Conde Reventlow e verás como a Inglaterra se empenhou para chegar a um acordo e as razões da Alemanha para rejeitar todas as propostas feitas. Verás tambem o prejuizo causado pela imprensa chauvinista ingleza; porém nada encontrarás acerca dos órgãos anglo-fobos alemães, não menos prejudiciaes. E permitas que eu te aponte como o Conde nos dá uma impressão bem falsa em certo ponto. Fala do tom desdenhoso e insultante da imprensa ingleza para com a Alemanha, segundo uns artigos dessa laia. Porém o tom geral da imprensa ingleza era bem longe de ofensivo, pois sempre nos inspirava admiração pela Alemanha e sempre instava para que seguíssemos a inteireza e energia

e a adaptabilidade dos seus metodos commerciaes.

Ufana-se Reventlow de ter a Alemanha frustrado e estultificado as conferencias de Haia, nas quaes ella se distinguia pelo seu cinismo e mal disfarçada má vontade. Com effeito, convidal-a para taes conferencias era o mesmo como se convidasse um carnicheiro a um congresso vegetariano. Não era a guerra a grande industria da Alemanha, a arte em que ella sobrepujava pela sua inexcedivel perfeição? Como, pois, se podia esperar que ella fosse leal ás conferencias cujo exito teria malgrado as negociatas de Krupp e deixado o principe imperial a suspirar em vão por “aquella coisa autentica”?

Tambem verás como a Alemanha “em luzente armadura” encorajava a Austria para a façanha de anexar a Bosnia, lógo ao perceber que a Russia não se achava em condições de a resistir. E verás como nas contendas sobre Marrocos enfureceu-se a Alemanha quando a Inglaterra se poz ao lado da França, sem que disso resultasse nenhum prejuizo

á Alemanha, que obteve a "compensação" exigida. Se não me engano, é Rohrbach, no seu livro "Der Krieg und die deutsche Politik," que relata como, pouco antes da guerra, ainda a Inglaterra tratava, quanto podia, de conciliar a Alemanha com importantes concessões nos vales do Tigris e em Africa.

Emfim, a historia desde 1900 a 1914 é apenas uma longa serie de ameaças e aggressões germanicas. O papão ostentava-se contra a Inglaterra, ataçava a Austria á quebra do tratado para humilhar a Russia, e cinicamente baldava os esforços envidados lá na Haia para assegurar a paz. Localisou-se a conflagração balkanica não pelo empenho alemão, mas mórmente pela dedicação, diplomacia e altruismo de Sir Edward Grey, como todos reconhecem. Se bem que não houvesse grandes estadistas na Inglaterra, pelo menos não nos faltou o homem providencial para desviar a catastrophe. Comtudo, para o papão, a derrocada dos seus amigos turcos era um desprestigio no Oriente, e por conseguinte

tratou-se de equilibrar a situação por grandes incrementos ao exercito alemão, já tão preponderante.

Como amante da paz, simpatizas tu com essa historia toda de quatorze annos? Ou, á vista desses factos, poderás tu ainda dizer conscienciosamente que ambos os lados são responsaveis pela situação que nos tem levado a esta guerra? Bem creio que não; e estou certo de que admitirás que da Alemanha e do seu cumplice, a Austria, vieram os impulsos para a guerra, ao passo que o cinismo germanico ia tolhendo e estrangulando os que providenciavam pela paz.

Os factos treze dias antes da guerra.

Chegamos ao ponto determinado, bem ás claras, quanto á responsabilidade immediata de quem nos arremessaram ao precipicio nos fatidicos dias desde 23 de julho a 4 d'agosto de 1914. Á vista dos relatorios diplomaticos, ainda poderás acreditar a cantiga dos innocentes e pacificos alemães e austriacos, tão

levianamente acometidos pelo bando de seus malevolos inimigos? Se acreditas nisso, admiro a tua credulidade.

Vejamos de relance os principaes pontos do caso. Em primeiro lugar, mesmo sendo os agravos da Austria contra a Servia justificaveis—o que não está provado—que faz a Austria? Lança sobre o seu inconveniente visinho da Servia o ultimatum por todos reconhecido como inaudito na historia diplomatica, exigindo-lhe abjecta submissão dentro de quarenta e oito horas. Pedem a Inglaterra e a Russia extensão a esse absurdo praso. A Alemanha rejeita confirmar o pedido; a Austria o encara com a “recusa categorica.” Em seguida a Servia surpreende-nos todos, e não menos a propria Austria, por certo, submetendo-se á exigencia, para todos os fins e efeitos. Isso de nada serve. A Austria aproveita-se de duas os tres restricções triviaes na resposta servia, declara a guerra por telegrafo, e a toda a pressa bombardeia Belgrado. Sabe ella, bem como todo o mundo, que cada bomba lançada sobre Belgrado

prejudica o prestigio da Russia e melindra a sua dignidade. Porém a Austria pouco se importa disso. Entretanto a Russia não se dispõe a escudar a Serbia de justare presalia por qualquer mal que podia ter praticado; e em expiação, dar-se-ha garantia pelo seu bom comportamento de ora em diante. Tão sómente declara a Russia que lhe é impossivel estar de braços crusados a ver um pequeno estado, da sua raça e religião, barbaramente aniquilado por um grande imperio. De acordo com a Inglaterra e a França, dispõe-se a Russia mesmo para que Belgrado e os arredores estejam ocupados pela Austria “até que a Servia lhe dê plena satisfação,” por intermedio das grandes potencias. É possivel que o espirito de conciliação vá além de tudo isso? Para solucionar o dilema, surgem outros alvitres de Petrogrado e Londres a Berlim—todos baldados pela Alemanha, que por outro lado ignora o pedido para que faça os seus proprios alvitres.

Sumarisa-se pois o caso de modo seguinte. Temos ao todo quatorze alvitres bem

definidos, nenhum dos quaes é da procedencia germanica. Um delles parece ter o apoio de Bethmann-Hollweg, se bem que carece a prova disso. Cinco delles são transmitidos de Berlim á Vienna, a modo do portador que entrega as cartas ignorando o conteudo. Tres são definitivamente rejeitados sem ser Vienna consultada. Dois são evadidos e resultam em nada. E de tres nada se sabe.

O alvitre de Sir Edward Grey para a conferencia dos embaixadores é rejeitado em Berlim porque “isso equivaleria a um tribunal de arbitragem”—terrivel ideia! Plenos de esperanças, os alvitres se naufragam um após outro sobre os rochedos de Wilhelmstrasse. Propõe o Tsar ao Kaiser para que a questão seja submetida á conferencia de Haia —e isso é postergado. Emfim, para que ao menos a consciencia da Inglaterra não fique manchada de sangue, Sir Edward Grey comunica ao embaixador alemão o seguinte: Se a Alemanha submeter “qualquer proposta razoavel,” e se a Russia e a França injustificavelmente a rejeitarem, deixará a Inglaterra

de dar-lhes o seu apoio—e de novo isso é postergado.

Dizes, meu caro professor, que entre os Aliados não ha nenhum grande estadista ; e tenho-me esquivado de contestar a tua asserção. Convencer-me-hias melhor disso se me disseste o que Sir Edward Grey, Monsieur Sazonof, ou Monsieur Viviani podia ter feito e deixou de o fazer, pela paz, naquelles fatidicos dias. Sim, ha uma outra coisa que elles podiam ter feito : abdicar para sempre, em nome dos respectivos paizes, o direito de intervirem nas questões internacionaes, deixando a Europa prostrada, espesinhada sob o calcanhar da Alemanha. E porque elles não renunciaram esse direito, seria isso um crime a teus olhos ?

A burla da mobilisação.

E provavel que me digas—se bem que não creio que a tua neutralidade te leve tão longe—que a Russia precipitou a guerra pela sua prematura mobilisação. Efectivamente a

Alemanha tratou quanto podia para nos iludir com a sua burla de mobilisação; porém não creio que estejas tu iludido. A todos os homens de criterio está claro que ha mui pouca differença entre a mobilisação propria e as meras "precauções militares," de modo que mesmo o estado maior mal pode definir a situação precisamente a toda a hora; e de boa fé se considera a mobilisação por não iniciada, quando de facto está pronta para todos os fins e efeitos. Houve, pois, muitas trapalhadas no que se deu com as mobilisações naquelles ominosos dias. Provavelmente houve equivocos por todos os lados. Porém, o certo é o seguinte: (1) A Austria mobilisou-se primeiro; (2) precipitou ella a sequencia pela furiosa pressão com que acometia a Servia; (3) a Austria e a Alemanha podiam mobilisar-se muito mais facilmente do que a Russia, e particularmente a Alemanha, que por conseguinte não estava justificada em aproveitar-se dos primeiros movimentos da mobilisação russa, ao norte, como pretexto immediato para declarar a guerra.

Era bem natural que a Alemanha mobilisasse ; mas se estivesse sinceramente disposta á paz, não haveria nisso motivo para romper as negociações que iam tendo bons resultados, segundo afirmava ella mesma, se bem que, a meu ver, insinceramente.

Devo explicar-te porque qualifico isso tudo de burla da mobilisação, e porque rejeito a mais caridosa hipotese de que os estadistas alemães estivessem levados pela obsessão quanto á avançada das legiões russas. Está bem provado, ao contrario, que systematica e deliberadamente tramava a Alemanha para que o inimigo passasse por agressor. Segundo dizia Bismarck, “o exito depende essencialmente das primeiras impressões produzidas no nosso paiz bem como no estrangeiro, quanto á causa da guerra : convem que passemos por agredidos.” Outrosim : “Se o ataque fôr da nossa parte, os imponderaveis estarão em peso ao lado do adversario.” E demais declarava Bismarck que numa guerra aggressiva o povo alemão “não se entusiasmava tanto como pela guerra defensiva.”

Portanto, era um principio estabelecido pela politica alemã que o adversario parecesse como agressor ; mas infelizmente faltou-lhe um Bismarck para manipular o telegrama de Ems como na guerra franco-prussiana. Na falta de melhor pretexto, pois, aproveitou-se da questão de mobilisação, auxiliado por um outro expediente bastante caracteristico da mentalidade germanica. Permitas que eu te aponte os seguintes pormenores bem significativos. A declaração de guerra da Austria contra a Servia, a declaração de guerra da Alemanha contra a Russia, e a declaração de guerra da Alemanha contra a França *foram todas acompanhadas da asserção que a Servia, a Russia, e a Franca respectivamente tinham principiado a guerra por ataques a mão armada.* Poderá haver a minima duvida que isso formasse parte dum sistema bem elaborado para deitar poeira aos olhos do povo austro-alemão, e, sendo possivel, aos do mundo neutro ?

Quanto á França, está provada a mentira alemã. Tão resolvido estava o governo francez

para evitar qualquer " incidente na fronteira," que de lá retiraram-se as tropas por dez kilometros. Doutro lado, é facto que as patrulhas da cavalaria alemã fizeram duas incursões ao territorio francez antes da declaração de guerra. Quanto á Servia e a Russia era bem provavel que houvesse por ahi escaramuça qualquer, aqui ou acolá, se bem que isso não está provado. Mas para que serviriam mesmo provas inconcussas? Claro está que tanto para a Servia, a Russia, e a França, cada momento de demora era precioso. Bem sabia a Servia que a sua unica esperança estava nas treguas que ella pudesse obter, afim que a Russia tivesse tempo para atalhar o caso favoravelmente. A Russia estava bem sciente da eficiencia germanica, e da sua propria falta de preparativos para a guerra. A França, apesar de não ser tão mal preparada, tinha muito que ganhar com a demora, e não se achava nada disposta a precipitar hostilidades. Como pode qualquer homem sensato acreditar que os francezes, os russos e os servios estivessem

simultaneamente tresloucados a ponto de se precipitarem sobre o inimigo quando lhes era de importancia vital qualquer demora possivel? Absolutamente incrivel! No caso da Servia ou da Russia, se houvesse qualquer fundamento para as alegações teutonicas, era só devido a irresponsaveis actos individuaes que teriam sido condenados e punidos se fossem devidamente trazidos ao conhecimento dos respectivos governos.

A meu ver, essa triple incidencia das asserções tão pueris e incriveis em si prova a systematica hipocrisia com que se tratava de incitar o povo e estabelecer a lenda de ataques sem provocação contra os cordeirinhos austro-alemães. São expedientes subsidiarios á burla da mobilisação, e bem mostram o character fraudulento daquella manobra.

Concordo comtigo què o dr. von Bethmann-Hollweg está bem longe de ser estadista da primeira ordem; mas elle não é tão tolo que possa acreditar que a França ou a Russia deixaria de retardar o rompimento de hostilidades quanto possivel, pois não

disse elle mesmo : “ *La France peut attendre, mais nous non !* ”

O momento preciso em que a Alemanha finalmente determinou a guerra não é sabido e talvez jamais será conhecido. Era provavelmente antes do ultimatum á Servia, ou podia ser depois do conselho de guerra em Potsdam, realisado na quarta-feira, 29 de julho. Inclino-me a esta ultima data, após demorado estudo dos relatorios diplomaticos. Em todo caso claro está que a determinação da Alemanha era fixa e irrevogavel, pelo menos vinte e quatro horas antes da mobilisação russa ; inalteravel mesmo perante a intimação que a Inglaterra reservava para si absoluta liberdade de acção.

Sintese das Responsabilidades.

Á vista de todos esses factos—factos consumados no decorrer dos ultimos quatorze annos e nos treze dias antes da guerra—confesso-me maravilhado de te ver arguir a modo como se ambos os partidos estivessem igualmente responsaveis pelo cataclismo

mundial. Isso não pode ser neutralidade ; é cegueira ante provas a fartar, conclusivas e esmagadoras. Recapitulemos essas provas :—

A Alemanha.

(1.) Convence-se absolutamente de que a guerra é a mais nobre e benéfica profissão humana ; e pregam tal doutrina os seus historiadores e filósofos mais festejados ; e preconizam-na a imprensa, os publicistas e bem assim os professores por todos os lados.

(2.) O grande partido pan-germanista está sempre a agir, às claras, para vastas expansões territoriaes, quer na Europa ou no ultramar.

Os Aliados.

(1.) Nos paizes aliados destaca-se o seu partido pacifista, muito influente e apoiado por distintos cidadãos. O partido militarista nesses paizes, se houver, provem mórmente da constante ameaça incutida pelos preparativos belicos e a politica aggressiva da Alemanha

(2.) A aquisição territorial não lhes influe muito menos à custa da Alemanha. Mesmo quanto à Alsacia-Lorena a França se manifesta resignada.*

* Talvez se diga que a Russia almejava pela posse de Constantinopla. Se fosse em 1920, em vez de 1914, haveria razão provavelmente para supôr que a Russia fizesse guerra para esse fim, pois então ella estaria mais ou menos preparada nesse sentido. Nenhum governo em seu juizo perfeito, a não ser quando compelido, faz guerra bem sabendo que não está preparado para tal fim.

(3.) A colossal organização militar, aperfeiçoada em todos detalhes, é dirigida por uma casta cujos interesses e ambições se concentram só na guerra.

(4.) À supremacia militar trata-se de reunir a preponderancia naval, ominosamente.

(5.) São rejeitadas todas as propostas para arbitragem e redução de armamento.

(6.) Repetidamente ameaça a guerra com fanfarronadas nas crises diplomaticas.

(7.) É compenetrada da ideia de que por via de guerra ha muito que ganhar.

(8.) Nada faz para restringir o seu aliado na politica inaudita e insolente, que manifestamente periga a paz da Europa.

(9.) Nas negociações que seguem, não faz uma unica proposta tendente à paz, e persiste em gorar todos os esforços conciliadores feitos por outras potencias.

(3.) O perigo germanico obriga os Aliados a adoptar medidas defensivas a todo o transe, estando todos scientes de que os preparativos não igualam os da Alemanha.

(4.) A attitude é puramente defensiva, tomando-se medidas só para que não fiquem a mercê da Alemanha.

(5.) Manifestam-se os Aliados decididamente a favor de taes propostas.

(6.) Sômente numa occasião—no incidente Agadir—se recorre à intimidacão.

(7.) Sabem que pela guerra nada se ganha que compense os enormes riscos incorridos.

(8.) Transigem por todos os modos possiveis à insolencia da Austria, sem entregar a Servia incondicionalmente a seu mercê.

(9.) Envidam todos os seus esforços para manter a paz, e de balde apelam à Alemanha para formular as suas estipulações de liquidação entre Austria e Servia.

(10.) Aproveita-se da primeira ocasião plausível aos olhos do povo alemão para forçar a guerra sobre a Europa em peso.

(10.) Entram em guerra contrangidos, pois não lhes resta outra alternativa, para que a Europa não fique calcada pelos alemães.

Agora peço-te que tenhas em devida conta todas essas divergencias. Poderá ser que aqui ou acolá depares com algumas falhas, e sugiras discriminação; porém não quero capacitar que possas ainda negar que decididamente a balança pesa a nosso favor. Ante o tribunal da historia apparecemos com mãos limpas, declarando que não é neutralidade, mas falta de verdade, dizer que temol-as sujas, denegridas ou ensanguentadas como as d'Alemanha.

Barbarismo em teoria e pratica.

Vejo com muito pesar tambem que a tua neutralidade é a mesma na questão de barbaridades como na de responsabilidades pela guerra, pois em ambos os casos argumentas sob a estranha hipotese de que, á vista de divergencias nas exposições dadas,

torna-se inutil averiguar os factos de ambos os lados. Dizes tu: "Declaram ambas as partes que os seus adversarios são arrebatados por paixões vilissimas, e infelizmente ambas dellas teem razão."

Nisso te vejo—inconscientemente, com certeza—levado por um desses argumentos sofisticos que, sob a capa de verdade, anicha a mais grave perversão dos factos. Por certo seria absurdo pretender que a guerra não brota paixões nefandas, e que no impeto de batalha os homens não praticam actos que nem sonhariam cometer em condições normaes. Que recaia a responsabilidade sobre os que desencadearam os instinctos barbaros da natureza humana. Sven Hedin—outro neutro distincto—quer que tenhamos os soldados alemães todos por santos e anjos. Não tenho pretensões tão ridiculas quanto aos Aliados. Mas, meu caro professor, sem duvida foste precipitado de mais quando disseste que, na questão de lesa-humanidade, não se fazem distincções quanto ao grau de responsabilidade.

Antes de tudo fechas os teus olhos a esse facto tão significativo de ter a Alemanha aberta e oficialmente preconizado os seus metodos barbaricos, nos seus tratados sobre a guerra. Ás vezes baseia-se o argumento simplesmente na necessidade para não tolerar que quaesquer considerações prejudiquem o fim essencial—a victoria. E por vezes os doutrinarios recorrem ao sofisma ainda mais perigoso e satanico : de ser a deshumanidade o que melhor conduz aos fins humanitarios. Seja o caso como fôr, o certo é que, segundo evolucionado desde 1870, o codigo militar da Alemanha não sómente extenúa mas até prescreve o uso inexoravel do poder militar para terrorisar e paralisar as populações não-combatentes.

Sendo assim o caso, porque é que duvidas e sonegas os factos escrupulosamente atestados, que os proprios alemães mal podem contestar, acerca das cruentas chacinas, das medonhas atrocidades perpetradas na Belgica e ao norte da França? Quanto ás tropas dos Aliados, nem sequer ha alegações que se

comparem a tudo isso. Mesmo se cometessem barbaridades quaesquer, taes casos seriam isolados, no impeto de combate, contra ordens superiores e contra os principios estabelecidos pelo codigo militar. Taes casos jamais poderiam ser attribuidos ao deliberado e sistematico barbarismo de qual é acusado o exercito alemão, e para proval-o abundam testemunhos inconcussos.

Permitas que eu dirija a tua atenção a um ponto que talvez desconheceste: na guerra de 1870 houve de facto entre os beligerantes recriminações que sempre se fazem mutuamente nas guerras; porém os clamores então feitos contra as atrocidades nem atingiam a decima parte dos horrores hoje attribuidos aos alemães na Belgica. Como é que se explica isso? Porventura os não-combatentes belgas e francezes hoje mentem dez vezes mais do que os francezes em 1870? Não devemos, ao contrario, atribuil-o ao deploravel desenvolvimento do sistema militar e dos pretendidos direitos belicos dos alemães? Nem devemos lembrar que no entretanto

o teu amigo Nietzsche—cuja *Zarathustra* se encontra na mochila de qualquer soldado culto alemão—tem andado a glorificar o ideal do triunfante “bruto loiro”? Emfim, não devemos inteirar-nos, pelas provas irrefutaveis, de que desde 1870, e mórmente por resultado de 1870, evolueu-se na Europa Central um espirito maligno que terá de ser extirpado antes que a humanidade possa nutrir esperanças de paz e de progresso?

Atrocidades maritimas.

Taes foram as barbaridades praticadas em terra. Quanto ás barbaridades no alto mar, estou seguro que não pretendes argumentar que quaesquer alegações contra os Aliados possam paliar as enormidades perpetradas pela marinha inimiga. Por certo és bastante neutro para dizer que, não tendo sido a guerra submarina devidamente prevista pelo direito internacional, a Alemanha está justificada em agir como se não houvesse lei qualquer, e

ignorar os preceitos humanitarios que obstassem os seus expedientes. Todavia sou de opinião que, a teu ver, o afundamento do *Lusitania*—para não mencionar outras proezas—não foi um belo episodio que qualquer povo humano desejaria ver arquivado nos seus anaes. Mesmo se pudesse sofismal-o como resultado de plena anarquia no alto mar, não deixaria de avultar como calamidade bem horrivel e dilacerante. Quando o *Titanic* afundou-se, estremecia o mundo perante o cinismo da predestinação. Quem havia de imaginar então que, só tres annos depois, o cinismo do homem civilizado, e mesmo culto, resultar-se-hia numa matança dos innocentes ainda mais terrivel? E que fez a Alemanha nessa tetrica ocasião? Não é verdade, dizem, que as crianças de escola tiveram ferias para festejarem o dia; porém não ha a minima duvida que da imprensa e do povo alemão surgiu um grito, de triunfo e exultação. Ha poucos dias tive na minha mão uma medalha cunhada em comemoração daquella gloriosa victoria naval. Desejas que eu te a envie

em reconhecimento condigno da tua intransigente neutralidade?

Imaginas tu, meu caro Dr. Brandes, que me apraz recapitular a longa serie de crimes germanicos? Pelo contrario, a minha consciencia estaria bem aliviada, o porvir seria muito mais auspicioso, se o meu veredicto pudesse ser o de “não culpado,” ou “culpado tão sómente ao ponto inevitavel em guerra.” Mas segundo o meu modo de ver as cousas—que parece diferente do seu—persisto em analisar os factos comprovantes e pesal-os bem na balança. Torna-se-me impossivel congraçar o espirito alemão de hoje com as minhas reminiscencias da Alemanha e de muitos amigos alemães. Mas transigindo de novo perante os factos, estou convencido de que o cinismo brutal é não só das forças militares, pois disso mesmo a população civil se acha permeado até certo ponto. Não carece duvida, por exemplo, que o povo de Colonia portou-se abominavelmente para com os infelizes refugiados de Liége, que, segundo o capricho das autoridades

militares, foram para lá transportados sob condições bem sugestivas dos horrores de Black Hole de Calcutá. Não ha duvida absolutamente de que o povo de Wittenberg fizeram chacota dos desgraçados prisioneiros de guerra que iam enterrando as victimas da epidemia de febre tifo, que se podia ter evitado facilmente. São factos desse genero que hão de obstar terrivelmente que se renovem relações humanas com o povo germanico. Não se julga, porém, por taes expressões falazes como “a gente de Colonia,” e “a gente de Wittenberg.” Eram apenas alguns dos habitantes ahi—por certo uns punhados delles—que portaram-se tão brutalmente. Ainda se crê que na Alemanha existe muita gente sisuda, humana e bem disposta, que tarde ou cedo sacudirá o jugo do grande embusteiro, e perceberá o lodaçal em que jaz a sua patria, mercê dos fanfarrões militaristas. E quanto á escoria que até podia mofar dos infelizes e indefesos prisioneiros de guerra—valha-nos Deus que possamos encaral-a com os teus olhos de neutralidade.

A Campanha dos Embusteiros.

Ha um outro ponto em que não fazes nenhuma distincção entre os beligerantes, e isso está nos embusteiros. Segundo dizes, todos elles declaram que os embustes são meios essenciaes de defesa. Vejamos um pouco o que vem a ser tudo isso.

Quanto ao ponto fundamental das responsabilidades pela guerra, ja tratei de te mostrar—e não vejo como podes deixar de te convencer—que o governo alemão deliberadamente iludiu o povo alemão, e para esse fim mentiu com todos os dentes que tinha na queixada. Não vamos recapitular esse magno embuste fundamental. Os embustes secundarios não deixam de ser outrotanto bem interessantes.

Logo ao principiar a guerra, o mundo inteiro torna-se qual fabrica insondavel de mentiras, e disso não ha que duvidar. Turvam-se os ares com as patranhas, como os atomos que pululam num raio solar. Não se nega que em muitos casos as ficções são

propositadamente confeccionadas ; em outros proveem de espontanea geração, e de fontes desconhecidas. Temos, por exemplo, o exercito russo passando pela Inglaterra—fabula sensacional que no outono de 1914 assombrava o povo inglez. As metropoles em todos paizes neutros tornam-se focos e viveiros de boatos falsos ; por todos os paizes o povo aneia por novas, ao passo que o governo lhas comunica com extrema parcimonia ; e na falta de noticias autenticas, os jornaes arditosamente substituem-nas com as suas fabricações, nem sempre originaes, mas exageradas e coloridas segundo os boatos que correm, e apesar de estarem bem scientes da extrema improbabilidade de taes exagerações. Estarei de acordo contigo, pois, se me disseres que a guerra é terrivelmente prolifica em trampolinos e simplorios.

Mas quanto á deliberada e sistematica fabricação e propaganda de mentiras nuas e cruas, por certo a Alemanha leva a palma ; sobremaneira nada ha que se compare ao seu talento organisador nesse sentido. Por via

das suas fontes officiaes e incognitas ella nutre o mundo neutro com as suas falsidades em escala positivamente inaudita. Logo ao principio da guerra circulou ella, por extenso, um discurso que Mr. John Burns jamais tinha proferido, numa assembleia que jamais tivera lugar. Tal politica não deixou de produzir o desejado efeito em certos casos ; disso se vê, meu caro professor, mesmo na tua presente attitude. Embora o teu fino criterio, muitas trampolinices teutonicas obviamente lograram penetrar o teu cerco de arames farpados, e conseguiram intrincheirarse no teu cerebro. Vejamos o seguinte caso, não de espontanea geração, mas de propositada fabricação de mentiras, alvejadas a modo de granadas asfixiantes :

“ Berlim, 12 de setembro (1914).

“ O governo japonês acaba de informar o governo chinês oficialmente de ter estalado uma revolução na India, e outrosim de ter o governo britânico pedido socorro ao Japão contra os

indios. A isso anuiu o Japão, sob as seguintes condições: livre imigração de japonezes nas colonias britannicas do Pacifico; carta branca para o Japão na China; e emprestimo de duzentos milhões dollars ao Japão. A Inglaterra aceitou essas condições.”

Longe de ser fantasia de qualquer jornalista irresponsavel, isso é o que se chama deliberada fabricação de mentiras, circuladas para determinados fins politicos; e se bem que taes falsidades sejam descobertas em seguida, destaca-se entre certos cerebros neutros a curiosa faculdade de reter a mentira e esquecer o desmentido.

Cabe-me agora perguntar-te porque recusas differenciar a Alemanha, que assim actua segundo os principios por ella inculcados, da Inglaterra que nem professa nem acredita taes principios? Não disse Neitzsche, pregando sobre o Querer e Poder, que “ todos os males humanos—terriveis, tiranicos, bestiaes e *serpentinicos*—contribuem para o

engrandecimento da humanidade tanto como os seus antidotos?" Não declarou Bernhardt que mesmo nos tempos de paz "as relações entre dois Estados muitas vezes devem ser qualificadas como uma guerra latente? . . . Tal situação justifica o uso de metodos hostis, arditos e enganadores, como em plena guerra." Por isso tens razão quando dizes que os embustes são tidos pela Alemanha como necessarios. Mas quando é que a Inglaterra fez taes declarações, ou taes bravatas, sejam-nas como queiras qualificar-as? Creia-me que não estou assumindo uma attitude idealista ou farisaica. É bem provavel que, se a Inglaterra estivesse convencida de que o embuste sistematico fosse arma efectiva, ella o teria adoptado de mesmo modo como ao gaz asfixiante nas trincheiras responde ella com gaz asfixiante tambem. Falo simplesmente a pura verdade quando te digo que os estadistas inglezes ainda julgam que a honradez é a melhor politica, e baseiam os seus actos nesse principio. Mesmo sendo as nossas conclusões divergentes não vejo

como a nossa campanha de mentiras poderia jamais rivalisar a da Alemanha em vigor e proficiência. Nesse ponto admito que a Alemanha bem merece a tua homenagem; e disso podemos prescindir muito bem.

A Grecia e a Censura.

O teu “Apelo” é bem sugestivo dum anexim que talvez não ignores: O diabo dá capa e campainha. Ralas-te quando os Aliados tocam a campainha; fechas os teus olhos quando a Alemanha esconde-se sob a capa.

Por exemplo, dizes tu que “a Alemanha calcou a Belgica, a Austria pisou a Servia, e a Inglaterra faz o mesmo á Grecia.” Houve jamais tal equação de desigualdades? A Alemanha, violando o seu pacto, esmagou, espesinou, arruinou, quasi obliterou a Belgica, barbaramente maltratou e trucidou a população não-combatente. A Inglaterra, de acordo com o pacto da Grecia e um dos Aliados, e a pedido do primeiro estadista grego, tomou certas medidas em virtude das

quaes seguiu certos planos relativos á Grecia. De subito o rei da Grecia, a despeito da Constituição garantida pelos Aliados em 1863, inverteu a politica nacional, interpretando as suas obrigações estaduaes de modo que poderia ser justificavel em grande apuros, mas que por certo não condizia com os pactos. A Inglaterra e a França, assim comprometidas inesperadamente, mal podiam desligar-se da situação por completó. Naturalmente, a sua attitude não deixou de causar certa irritação na Grecia, se bem que o povo inteiro estava bem longe de lhes ser hostile. Em todo o caso não se destruiu nenhuma cidade, nem se trucidou nenhum “refem.” Que eu saiba, os Aliados não foram directamente a causa da morte de sequer um unico homem, mulher ou criança na Grecia; porém as bombas dos aeroplanos inimigos mataram alguns gregos. Comparar, pois, os actos alemães na Belgica com os dos Aliados na Grecia é, com efeito, um rasgo da neutralidade. Aos males que atribues á guerra devo acrescentar a atrafio da sensibilidade moral, a paralisia do

sentido equitativo manifestada nessa juxtaposição ?

Mais espantoso ainda é ver um dinamarquez ou escandinavo vituperar sómente a censura postal na Inglaterra, mas sem dizer palavra acerca do afundamento de navios e da chacina nos mares pelos alemães. Estás ultrajado porque se abrem cartas particulares “mesmo de um neutro a outro.” Permitas que te aponte dois factos: em todos os paizes neutros encontram-se muitissimos “neutros” que não deixam de ser agentes bem activos dos alemães; e sem examinar uma carta não se pode saber se efectivamente é dum neutro a outro. Se porventura houvesse qualquer meio de discriminar cartas inofensivas só pelo sobrescrito, asseguro-te que tal expediente seria adoptado por nós, pois isso pouparia muito tempo e maçadas. Confesso até que, a meu ver, ha muitas cartas que bem poderiam ser isentadas da censura, pois é improvavel que contivessem algo de nocivo. Mas ha que ver o caso dum outro ponto de vista. Se constasse

que certas classes de cartas deixassem de ser examinadas pelos censores, logo em seguida os agentes e espiões alemães saberiam aproveitar-se disso, imitando os distintivos de taes cartas. Quanto ás encomendas postaes, bem sabes que é necessario vistorial-as afim de manter o bloqueio efectivo. Mas tudo isso vem fóra do proposito. Concordo perfeitamente contigo que a censura postal é uma necessidade desagradavel e aviltante que naturalmente incomoda os neutros. Que bradem pois contra os que fizeram essa guerra! O que nos espanta e confunde cá na Inglaterra é que os neutros se preocupem tanto acerca das suas cartas, sem se cuidarem, ao menos aparentemente, dos seus navios e mesmo da sua vida. Segundo me consta dum officio neutro-americano—desde agosto de 1914 até março de 1916 os submarinos alemães meteram a pique 136 navios escandinavos e holandezes, além de 66 outros, destruidos por minas submarinas, mórmente alemãs, ja se vê. De todos esses navios afundados, 97 eram noruegos, 50 suecos e 28 dinamar-

quezas. É verdade que não consta haver perda de vidas entre os dinamarquezes; porém morreram 77 noruegos e 128 suecos. Todavia, no seu *Apelo* não vejo nada de protesto contra essas deliberadas chacinas, tão repugnantes ás leis de guerra como ás leis humanitarias. Bradas contra a censura postal, e nada dizes dessas matanças. Comtudo as cartas, após alguns dias de demora, chegam finalmente. Não pensas tu dos lares escandinavos aonde os maridos, os paes, os filhos jamais chegarão? Na verdade, nada ha de belo na censura postal—em si odiosa expressão; mas como é curiosa essa neutralidade que denuncia a censura e cala-se perante os mais abominaveis assassinatos! Tens na tua lingua dinamarqueza uma palavra bem expressiva para taes crimes: *snigmord*: “assassinato, traiçoeiro, covarde”—mas tal palavra não encontro no teu *Apelo*.

Mesmo se não houvesse nenhum contraste tragico entre o procedimento naval da Inglaterra e da Alemanha, o teu clamor contra a censura postal seria tipico do que

não posso deixar de qualificar como a inconsequencia do teu parecer, segundo se vê no teu pronunciamento :

“Vemos que essa guerra contra o militarismo acaba de introduzir a conscripção militar no unico paiz até então isento disso . . . Vemos que, nessa lucta pela liberdade, tanto os campões da liberdade como os adoradores do poder vistoriam todos os navios e abrem todas as cartas . . . Vemos que, nesse combate pelo direito, por todos os lados se fazem chacota do direito . . . que nessa guerra pela independencia dos Estados menores aquella independencia é lesada, ignorada, abolida por ambos os beligerantes.”

Emfim, declaras tu que os Aliados andam ultrajando os seus proprios ideaes ; queres dizer que são elles flagrantemente inconsistentes, senão hypocritas. Mas podes tu afirmar que essa censura é justificada ? Como é que se debela o militarismo a não ser pelo militarismo ? Sabe Deus como temos tratado de raciocinar com os militaristas, que não

querem escutar a voz da razão. O peor mal do militarismo está precisamente nisso — aponta a pistola á civilisação e lhe diz : “ Seja militarista, ou morra ! ” A diferença entre nós e os alemães—diferença que merece a tua simpatia em vez do teu sarcasmo—está nisso : comprehendemos a manha com que a Alemanha trata de nos desmoralisar ao passo que exulta com isso, e rende culto a isso. O mesmo se dá com as outras censuras tuas : somos em guerra constrangidos a adoptar medidas que nos repugnam a mais não poder, visto que se não as adoptassemos, a victoria seria daquella potencia que, ao contrario, deleita-se com taes medidas, e perpetuaria a situação que nol-as torna indispensaveis. Queixas tu que agimos inconsistentemente com os principios que, pelas tuas proprias queixas, reconheces como salutaes ; porém o teu sarcasmo não atinge os alemães que desdenham esses principios, que consideram o militarismo como o mais nobre factor da civilisação, a liberdade como mera illusão, a força como direito, negando ás

nações pequenas até o direito de possuir a sua propria alma. Somos constrangidos pelos alemães a desviar-nos até certo ponto dos bons principios; e cabe á Alemanha essa vantagem logicamente—se quizeres chamar isso vantagem—de ser inflexivel, intransigente quanto aos seus infames principios.

Talvez me digas que os teus argumentos não visam censurar os Aliados, mas servem meramente como *reductio ad absurdum* da guerra. Muito bem; mas o que é para lastimar está nisso: diriges o teu *reductio ad absurdum* ás potencias que o reconhecem como tal desde já, e que luctam contra o militarismo; mas não o diriges áquella potencia que se ufana com o “drastico remedio” da guerra, e lucta para que um pacifismo lamuriante não venha a corromper o mundo.

O Porco-espinho Prussiano.

É de estranhar que, preocupado como estás com o disparate brutal da guerra, a tua simpatia não é para com os esforços

dos Aliados em debelar os factores da guerra mundial. Escreves tu :

“ Quando a gente diz que não deseja esmagar a Alemanha, mas sómente o seu militarismo, é o mesmo como se alguém dissesse : ‘ Não quero injuriar o porco-espinho ; só trato de tirar os espinhos.’ ”

Já ponderaste sobre o significado de tudo isto? Não estou bem ao facto da historia natural, porém suponho que queres dizer o que é verdade absoluta : que o porco-espinho não pode viver sem os seus espinhos. Ora, devemos concluir disso que a Alemanha não pode existir sem o seu militarismo? Até que ponto de pessimismo estás reduzido—tu o inimigo de guerra—para dizer seriamente que os paizes germanicos terão que viver pela espada e para guerra, ou deixar de existir? Mas, seriamente, tu não acreditas nada disso. Bem conheces o perigo de argumentar metaforicamente, e creio que está de acordo que esse simile de porco-espinho

não presta para nada. O certo é que a Alemanha, querendo, pode viver perfeitamente sem o seu militarismo, sem aquella subserviência nacional aos fins, devaneios e ideaes militares, a causa desse cataclismo mundial. O que vem a ser o militarismo? Não devemos defini-lo como o *morbido predominio, sobre o pensar e as actividades nacionaes, do ideal belico e dos preparativos belicos?* O unico ponto contestavel nessa definição está na palavra *morbido*. Se o contestas, então o teu *Apelo* cae por terra, pois é inutil bradar contra a guerra enquanto estejas persuadido de que a intensa predisposição e preocupação belica da Alemanha são saudaveis e necessarias. Se, ao contrario, aceitas a definição, segue-se pois que uma nação pode viver saudavel, vigorosa e prosperamente sem essa hipertrofia dos seus instinctos aggressivos. Por conseguinte, ou o teu *Apelo* fica desde já condenado ao limbo das futilidades, ou tens tu que admitir que os esforços que se envidam, para tornar esse particular porcoespinho um pouco menos frenetico e espinhoso

do que outrora, não são tão absurdos como queres inculcar com a tua parabola.

Segundo o parecer dum abalisado escritor alemão—Maximiliano Harden—a vida do ouriço germanico não está nos seus espinhos. Já se vê, a sua opinião vem baseiada na hypothese de que a guerra resultará numa victoria alemã, ou pelo menos em qualquer cousa que a valha; e comtudo pergunta elle: “Será possível eradicar o militarismo? A meu ver, sim, positiva e inevitavelmente.” E sugere elle a arbitragem internacional, a restricção de armamentos, a nacionalisação dos arsenaes—emfim tudo que a Alemanha tem até agora obstado com tanta intransigencia. Realizado tudo isso, não deixará essa guerra de ter os seus bons resultados.

Convencido estou de que não te enganes a ponto de imaginar que esta carta minha vise contrariar as tuas denuncias contra a guerra actual os qualquer outra. Nada ha que se compare ao horror que toda a gente sisuda tem dessa guerra; e creio até que os proprios alemães que iniciaram a campanha



com tanta frescata, e na expectativa da *frischer fröhlicher Krieg*, já mudaram de tom, e vão tendo juízo bastante para serem classificados entre gente sensata. Mesmo tu não avalias bem o caso quando dizes: "Podia bem haver um Shakespeare, um Newton, Kant, ou Goethe, um Molière ou Pasteur, um Copernico, Rubens ou Tolstoy entre os centenaes de milhares de jovens inglezes, alemães, francezes, polacos, belgas, russos que acabam de perecer." Verdade é que não temos a certeza absoluta de que a guerra tivesse custado a vida de algum genio transcendental; porém o certo é que muitos talentos grandiosos, beneficos e esperançosos sumiram-se nesse sanguinario cataclismo. Mesmo entre os meus conhecidos pereceram tres celebridades, de quem esperava-se muito, e outro tanto se acha em perigo. Um desses jovens é poeta americano, que combate pela França—tragica inflexão do ideal da neutralidade. Quanto mais deploramos a imensidade da dôr, da ruina e da desolação proveniente dessa lucta, tanto mais razão temos

para execrar os factores responsaveis pelo estupendo crime. Não é caso para dizer apenas: "Estou farto desses horrores. Acabe-se com tudo isso. Maldita guerra!" Com isso evade-se da responsabilidade que recae sobre todos os seres humanos pensantes. A neutralidade que nem pode distinguir o preto do branco é simplesmente cegueira moral.

A mim—se me cabe dizer de mim mesmo—essa guerra tem sido uma tortura indizível. Se bem que livre das anciedades que torturam muitos dos meus compatricios e compatricias, parece que por dois annos me assoberba o pesadelo. Quanto ao resultado, jamais tenho sido absolutamente pessimista; todavia o meu optimismo tem sido da ordem valetudinaria, terrivelmente susceptivel aos choques e aos arrepios. Muitas vezes chego a duvidar se poderia jamais acordar pela manhã sem esse sentir tenebroso e opressivo, ou ler um jornal sem tremores. Mas apesar de ser fisica e moralmente torturado pela guerra, nem por sonho desejava que a minha

patria tivesse seguido outro rumo senão aquelle que tomou em agosto de 1914, pois não lhe restava outra alternativa desde que os alemães atravessaram a fronteira belga. E a ti, meu caro professor, direi em conclusão que, com toda a minha profunda amizade para contigo, admiração e inveja do teu talento, teu exito e celebridade, não quizera por tudo que ha neste mundo estar em teu lugar em certo sentido. Por maior que fosse a dôr que essa guerra pudesse acarretar-me, por tudo que ha neste mundo não quizera eu ser um neutro.

Sinceramente teu,

(a.) WILLIAM ARCHER.
